

INTERAÇÃO E INTERASSISTÊNCIA NA PRÁXIS PARAPEDAGÓGICA

Interaction and Interassistance in Parapedagogic Praxis

Álvarez Dantas

RESUMO: o presente artigo aborda pesquisas e reflexões deste autor sobre as interações conscienciais e seu papel para a ocorrência da interassistência em atividades parapedagógicas. É apresentada taxonomia relativa às interações conscienciais, e aspectos dessas interações relacionados à aula de Conscienciologia. Expõe-se também 10 barreiras interaciológicas docentes, e listagem de 50 atributos e traços úteis às interações conscienciais. Este autor conclui que a interação figura entre as variáveis mais importantes a serem levadas em consideração para o desenvolvimento da interassistencialidade em sala de aula, em virtude de propiciar o contato com as necessidades dos participantes da atividade epicentrada pelo docente.

Palavras-chave: interação; interassistência; docência conscienciológica; competências.

ABSTRACT: This article discusses research and reflections of this author on consensual interactions and their role in the occurrence of interassistance in parapedagogic activities. It's presented taxonomy related to consensual interactions and aspects of these interactions related to the Conscientiology class. It also exposes 10 interaxiologic teaching barriers, and listing of 50 attributes and strong traits useful to consensual interactions. This author concludes that the interaction is among the most important variables to be taken into account for the development of interassistentiality in the classroom, by virtue of providing contact with the needs of the participants of the teacher's epicentered activity.

Keywords: interaction; interassistance; conscientiological teaching; competences.

1. INTRODUÇÃO

Problemática. Nas pesquisas em Parapedagogia, e em especial na formação de docentes de Conscienciologia, uma problemática rotineiramente formulada é: *o que os docentes podem e/ou precisam demonstrar ou fazer nas atividades instrucionais para torná-las mais eficazes no quesito interassistência?*

Variabilidade. As respostas, em geral, tendem a ser inúmeras e, também, costumam fazer parte do conjunto de soluções para essa problemática, por exemplo: domínio do EV, desenvolvimento do parapsiquismo, teática, coerência, exemplarismo, domínio do conteúdo, interação docente-discentes, foco na interassistência, entre outras.

Variável. Sem dúvida, todas essas variáveis são importantes para a eficácia interassistencial do docente, e da atividade parapedagógica. Porém, nas vivências deste autor, em mais de uma década de atuação como (re)educador em atividades instrucionais diversas, uma dessas variáveis tem sido ressaltada: a *interação* entre os atores (protagonistas e coadjuvantes) no cenário interassistencial chamado *aula*.

Objetivo. O objetivo deste artigo é apresentar as reflexões e os argumentos deste autor relativos à importância da interação consciencial em qualquer contexto interassistencial eficaz, e em especial naqueles envolvendo o processo *ensino e (re)aprendizagem*.

Seções. Este artigo está organizado em 6 seções, listadas a seguir em ordem sequencial: 1) Introdução; 2) Interação consciencial; 3) Interação consciencial em uma atividade parapedagógica; 4) Interação docente reeducaciológica; 5) Considerações finais; 6) Referências bibliográficas.

2. INTERAÇÃO CONSCIENCIAL

Acepções. No dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) são apresentadas diversas acepções para o termo *interação*, por exemplo:

- **Contato.** Comunicação entre pessoas que convivem; diálogo, trato, contato.
- **Mutualidade.** Ação mútua ou compartilhada entre dois ou mais corpos ou indivíduos.
- **Processo.** Qualquer processo em que o estado de uma partícula sofre alteração por efeito da ação de outra partícula ou de um campo (rubrica: Física).
- **Relações.** Conjunto das ações e relações entre os membros de um grupo ou entre grupos de uma comunidade (rubrica: Sociologia).

Definologia. A partir das acepções apresentadas anteriormente, e inserindo-se as variáveis do Paradigma Consciencial, pode-se definir *interação consciencial*: o ato, efeito ou processo propiciador do estabelecimento de relação, comunicação, contato ou diálogo multidimensional entre duas ou mais consciências.

Sinonimologia: contato consciencial; comunicação interconsciencial; relacionamento interconsciencial.

Antonimologia: isolacionismo; fechadismo consciencial; autismo consciencial.

Tematologia. Interação consciencial é um tema *neutro*.

Evoluciologia. Pela Evoluciologia, as interações conscienciais podem envolver ampla caracterologia, incluindo desde princípios conscienciais (vírus, bactérias, entre outros) até o extremo oposto da Escala Evolutiva das Consciências, a consciex livre.

Elencologia. Pela Elencologia, essas interações podem envolver conscins e consciexes, desempenhando os mais diversos papéis, por exemplo os seguintes, abordados de modo bastante simplificado, dado o extenso número de papéis conscienciais possíveis: assistentes, assistidos, amparadores, assediadores e guias amauróticos.

Classificações. No tópico a seguir abordaremos algumas características e classificações relativas à interação consciencial.

Taxonomia das interações conscienciais

Multidimensiologia. Pela Multidimensiologia, as interações conscienciais podem ser:

1. **Interdimensionais:** contatos entre conscins coincidas (no intrafísico) e consciexes, ambas situadas em dimensões diferentes.
2. **Intradimensionais:** comunicações entre conscins coincidas (no intrafísico); entre conscins projetadas e consciexes (no extrafísico); entre consciexes (extrafiscalidade).

Holossomatologia. De acordo com a Holossomatologia, os contatos conscienciais podem ser de 4 tipos:

1. **Físico.** As interações somáticas, realizadas, por exemplo, através de apertos de mão, abraços, beijos e toques.
2. **Energético.** Os contatos energossomáticos (por exemplo exteriorizações de energias, acoplamentos ou assimilações).
3. **Emocional.** As interações com maior ênfase nas reações psicossomáticas (estabelecimento de empatia, comoções, entre outras).
4. **Intelectual.** As interações mentaissomáticas, através de, por exemplo, *brainstorming*, debates ou disputas argumentativas.

Qualificação. Quanto à qualidade, as interações conscienciais podem, ao menos, ser de 3 tipos:

1. **Ambivalente:** por exemplo, quando os contatos geram algum tipo de desconforto (conflitos ou desorganização temporários, por exemplo), porém ocasionam posterior mudança de patamar, crescimento ou reciclagem consciencial para os envolvidos.
2. **Homeostática:** processo no qual conscins e/ou consciexes envolvidas desenvolvem uma relação de assistência mútua, promovendo benefícios cosmoéticos para todos os envolvidos; relação *ganha-ganha*.
3. **Patológica:** interação na qual conscins e/ou consciexes envolvidas geram processos interconscienciais negativos, anticosmoéticos, potencialmente promotores de interprisão grupocármica; relação *perde-perde*.

Formas. Na visão deste autor, as interações conscienciais são, em essência, energéticas, independentes do modo como ocorram. Porém, podem ocorrer de diversas formas, por exemplo, as seguintes:

1. **Energéticas:** os contatos puramente energéticos, sem a ocorrência de outros meios de interação.
2. **Escrita:** as interações realizadas predominantemente através da escrita (incluindo o uso das mídias eletrônicas).
3. **Mistas:** ocorrência de diversos modos de interação, simultaneamente (por exemplo, energética e verbal).
4. **Não-verbais:** as comunicações ocorridas especialmente através de meios não vocais, como: ações, expressões e gestos corporais, traços fisionômicos, utilização de roupas e adereços.
5. **Verbais:** as interações com enfoque na comunicação através da fala, com a articulação de palavras.

Profundidade. No tocante à profundidade das interações, podem ser destacados, ao menos, os 6 níveis a seguir, listados em ordem crescente de aprofundamento:

1. **Inexistentes:** a completa ausência de interação consciencial (isolamento); condição, por exemplo, da consciex profundamente envolvida em seus próprios pensenes, em processo de extensa parapsicose pós-dessomática, tornando-se inabordável aos demais.
2. **Superficialidade:** os contatos superficiais, intencionais ou não, bastante comuns na cotidianidade da maioria das conscins.

3. **Acoplamentos:** as interações nas quais são estabelecidas conexões energéticas e/ou holopensênicas, em variados contextos. As influências interconscienciais tendem a ocorrer mais fortemente a partir deste nível.

4. **Assimilações:** O aprofundamento dos acoplamentos, com a maior inter fusão das energias das consciências envolvidas.

5. **Semipossessão:** condição *neutra*, na qual, por exemplo, uma consciência na dimensão extrafísica (conscin projetada ou consciex) acopla profundamente com uma conscin, influenciando a manifestação desta.

6. **Possessão:** condição em geral patológica, na qual a conscin se submete completamente ao controle de outra consciência (consciex ou conscin projetada), atuando ao modo de *fantoche*, sem lucidez alguma quanto às ações realizadas pelo outro.

Atividade parapedagógica. A partir da exposição de algumas das variáveis relacionadas à interação consciencial, serão abordados a seguir os aspectos relativos a esta interação em atividades parapedagógicas.

3. INTERAÇÃO CONSCIENCIAL EM ATIVIDADES PARAPEDAGÓGICAS

Definologia. *Atividade parapedagógica* pode ser definida como o evento desenvolvido com base nas premissas do Paradigma Consciencial, visando à promoção da interassistência através da tares reeducaciológica.

Concomitância. Nas interações em uma atividade parapedagógica, diversas das variáveis elencadas na taxonomia do tópico anterior podem estar presentes, concomitantemente.

Exemplo: em uma aula de Conscienciologia, o docente interage com outras conscins e consciexes (*Elencologia*), em contatos intra e interdimensionais (*Multidimensiologia*). As interações entre professor(a) e estudantes, e entre estes, podem ocorrer de várias *formas*, e com diferentes níveis de *qualidade e profundidade*.

Ciclo. Tendo como base as 5 etapas do *ciclo de qualificação da práxis parapedagógica*¹, as interações em atividades instrucionais conscienciológicas podem ocorrer de diferentes modos:

1. **Holoconteúdos**²: na etapa inicial, da seleção e do estudo dos conteúdos, ocorrem especialmente os contatos entre docente(s) e consciexes assistentes (amparadores extrafísicos de função) e assistidas (paradiscência) relacionadas à futura atividade. Esses contatos também podem envolver conscins próximas ou não ao professor, muitas vezes atraídas pelo holopensene formado em torno deste devido ao estudo dos temas da aula vindoura (por exemplo, o caso do docente

¹ O ciclo de qualificação das práxis parapedagógica é definido como “a anatomização, o estudo, a compreensão e a qualificação das diferentes partes ou etapas que compõem a práxis parapedagógica de um professor que apresenta bom conhecimento do corpus da Conscienciologia” (ALVES, 2013, p. 13). Para conhecer e/ou compreender melhor o *Ciclo*, sugere-se o estudo do artigo escrito pelo professor Hegrison Alves, publicado na Revista de Parapedagogia n. 3 (outubro/2013).

² Proposta de revisão da teoria do ciclo de qualificação das práxis parapedagógica. Nos holoconteúdos, além da utilização do conteúdo formal, das experiências intra e extrafísicas, da cognição e do parapsiquismo do(a) docente, são levados em consideração também os *saberes* dos amparadores extrafísicos de função, diversas vezes compartilhados através de intuições, *insights* ou inspirações antes e durante a atividade parapedagógica.

que está estudando sobre bioenergias para a próxima aula que dará, e um amigo que nunca havia conversado sobre Conscienciologia se aproxima e pergunta algo sobre o tema estudado).

Disponibilidade. O domínio dos conteúdos essenciais e específicos do tema da atividade, e também de assuntos correlatos (Erudiciologia) são aspectos importantes no tocante às interações, pois, em geral, possibilitam ao docente ter maior disponibilidade para interagir com as demais consciências (intra e extrafísicas) presentes na aula.

2. Transposição didática: as interações principalmente entre docente e amparadores extrafísicos de função visando a definição das melhores estratégias e recursos didáticos para a realização do esclarecimento de todos os envolvidos.

Ferramentas. Na transposição didática, técnicas e recursos pedagógicos e didáticos se tornam ferramentas essenciais para a promoção e qualificação das interações. É preciso que o docente conheça e saiba utilizar diversos desses instrumentos para facilitar o processo interacional e, conseqüentemente, a aprendizagem dos discentes.

3. Interação com o campo energético parapedagógico: predominância do aspecto energossomático e paraperceptivo nas interações, envolvendo docente(s) e demais consciências participantes (conscins e consciexes) no campo interassistencial, antes, durante e após a atividade parapedagógica.

4. Fazer parapedagógico: preponderância das interações epicentradas pelos amparadores extrafísicos de função da atividade parapedagógica, visando o esclarecimento de todos os envolvidos.

Disponibilidade. No entendimento deste autor, o fazer parapedagógico não se restringe à interação *amparadores-docentes*. Em alguns momentos da atividade, e por diversas razões³, o(a) professor(a) pode não estar predisposto(a) ou acessível às intervenções do amparo extrafísico de função; quando esta condição ocorre, o fazer parapedagógico promovido pelos amparadores de função pode ocorrer junto a qualquer participante da atividade que esteja mais lúcido e/ou disponível para a captação das inspirações destas consciexes benfazejas (epicentro situacional).

Mito. A ideia de que o(a) docente de Conscienciologia pode não ser o epicentro intrafísico, em dados momentos, da interassistência em uma atividade parapedagógica se contrapõe ao *mito da infalibilidade do professor de Conscienciologia*, “verdade” alimentada por diversos colegas na qual o docente, por estar realizando este papel, “necessariamente” estará acoplado com o amparo extrafísico de função e, deste modo, atuando *sempre* assertivamente e da melhor maneira na condução das intervenções interassistenciais.

5. Interassistencialidade: participação de todos os atores intra e extrafísicos da atividade, podendo atuar tanto na condição de assistentes quanto de assistidos. Aparenta ser consenso entre pesquisadores da Parapedagogia que o foco de qualquer atividade parapedagógica é a interassistência, e que a razão de existir desta é, em essência, o atendimento das demandas dos assistidos.

³ Algumas dessas razões serão abordadas no subtópico a seguir, denominado *Barreiras interacionais em atividades parapedagógicas*.

O MEGAFOCO DAS INTERAÇÕES EM UMA ATIVIDADE PARAPEDAGÓGICA PRECISA SER O DESENVOLVIMENTO DA INTERASSISTENCIALIDADE, ATRAVÉS DO ESCLARECIMENTO DO MAIOR NÚMERO DE PARTICIPANTES POSSÍVEL.

Entraves. No subtópico a seguir serão abordados alguns entraves ou barreiras às interações conscienciais em uma atividade parapedagógica, dificultadores do desenvolvimento da interassistencialidade.

Barreiras interraciológicas em atividades parapedagógicas

Definologia. A *barreira interraciológica* pode ser definida como a atitude, postura, manifestação ou o comportamento impedor ou dificultador da interação consciencial, capaz de promover o afastamento, distanciamento, encapsulamento, a desconexão ou repulsa interconsciencial.

Fatores. No escopo da docência consciencial, as barreiras interraciológicas podem ser geradas por diversos fatores, por exemplo os 10 seguintes, listados a seguir em ordem alfabética:

01. **Agressividade.** A postura agressiva do(a) docente diante das manifestações dos (para) discentes, tratadas erroneamente como *impactoterapia*, ou tares estilo “fratura exposta” ou “soco na cara”. *Atividade parapedagógica não é sinônimo de linchamento moral, ou aula de pugilismo ou arte marcial.*

02. **Arrogância.** A postura arrogante, presunçosa, diante dos assistidos. O docente tende a gerar antipatia por parte da (para)discência, e tem dificuldade de fazer *rapport* com as necessidades destes.

Assistido. Manifestando soberba ou arrogância, o professor “esquece” que também é, como os demais, um dos assistidos, e sabota as oportunidades interassistenciais promovidas pela atividade parapedagógica.

03. **Autodesconfiança parapsíquica.** A sabotagem das autoparapercepções em função do docente não confiar no próprio parapsiquismo, dificultando ou inviabilizando o fazer parapedagógico (a atuação do amparo extrafísico de função), ou a captação de necessidades não verbalizadas pelos discentes.

04. **Autoimagem irreal.** Defesa da autoimagem idealizada, irreal, perante os assistidos e demais assistentes (incluindo amparadores), ocasionando ansiedade e/ou medo e, em seguida, a restrição das interações. O medo do(a) docente, neste caso, em geral é o de que os participantes descubram suas falhas (fraquezas, tráfes).

05. **Cascagrossismo.** A condição de *casca grossa* parapercepciológico, muitas vezes relacionada à ausência de investimento no autoparapsiquismo mentalsomático, dificultando em especial a interação com o amparo extrafísico de função e com o campo energético parapedagógico.

06. **Conteúdos deficitários.** Falta de domínio dos conteúdos a serem explorados na atividade. Em geral leva o docente a se manter inflexivelmente fixo à transmissão das informações que selecionou para a atividade, e a não abrir espaços para as participações (dúvidas, comentários, ideias, e outras) dos discentes, pelo medo de que surjam questionamentos que o professor não saiba responder.

Autoimagem. Em geral, a preocupação excessiva com os conteúdos tem íntima relação com a defesa da própria autoimagem perante a turma.

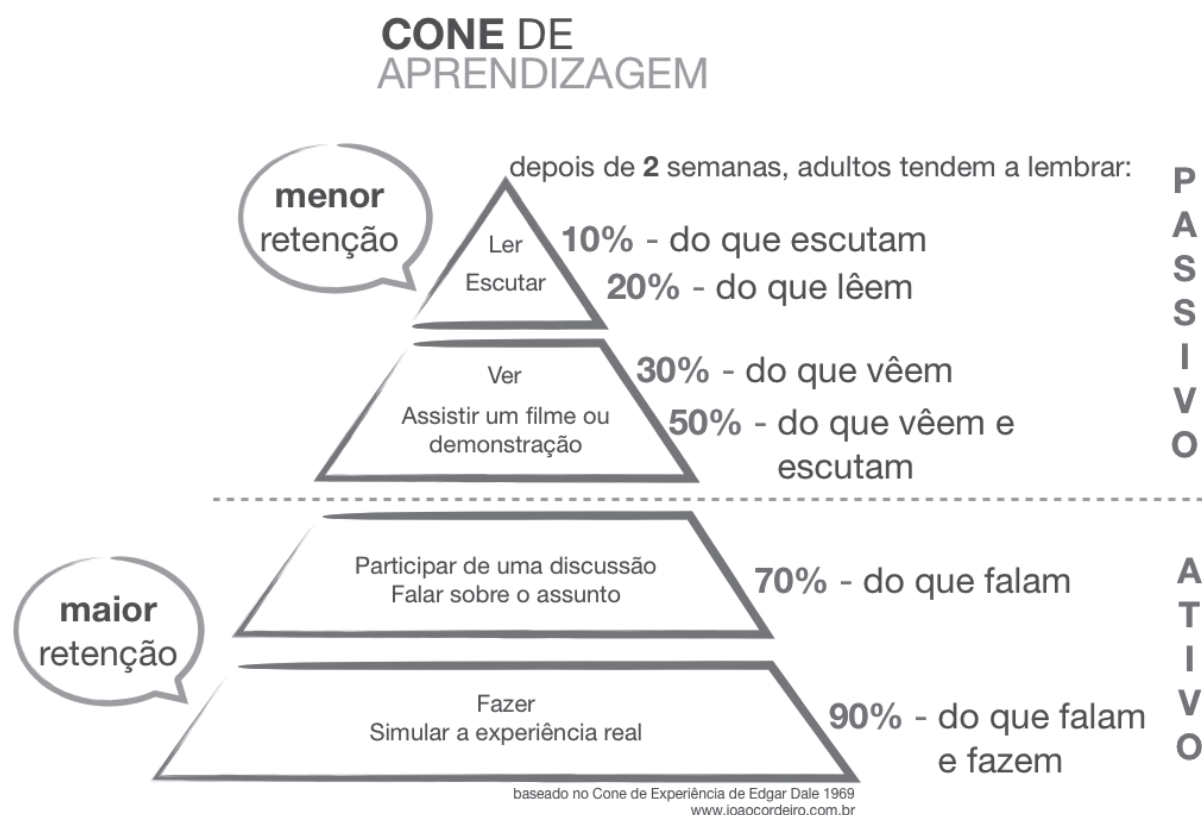
07. **Desassimilação deficitária.** A dificuldade de promover a desassimilação das interações anteriores. Em geral, tende a gerar patologias e parapatologias na consciência “esponja”, tendendo a ocasionar entraves às interações futuras.

08. **Desconhecimento:** quanto aos processos relativos ao ensino e à (re)aprendizagem, em especial no tocante aos diversos estilos de aprendizagem e à utilização de técnicas e recursos didáticos apropriados para cada contexto reeducacional.

Convencionais. Esse desconhecimento tende a levar o docente a desenvolver aulas convencionais (tradicionais), com base na utilização de apenas uma técnica didática (exposição de conteúdos), e sem variação nos recursos didático-pedagógicos utilizados. Pode-se ter, como resultado, aulas monótonas e com baixo potencial de interassistência.

Passividade. Conforme demonstram pesquisas do educador norte-americano Edgar Dale (1900–1985), aulas tradicionais, unicamente baseadas na exposição de conteúdos, nas quais apenas o docente fala e os demais ficam em uma posição passiva de escuta, tendem a ter baixa eficácia interassistencial, em torno de 10% do que se escuta (figura 1).

Figura 1: infográfico baseado no Cone da Experiência de Edgar Dale.



Fonte: http://joaocordeiro.com.br/blog/wp-content/uploads/2013/09/cone_aprendizagem.png

09. **Despreparo.** O despreparo do(a) docente para conduzir a atividade vindoura. Essa condição pode ocorrer por diversas razões, por exemplo: i. desconhecimento quanto aos próprios

limites e competências docentes, fazendo com que o(a) professor(a) assuma tarefas para as quais não está suficientemente preparado(a); *ii*. negligência do(a) docente, por achar que já domina tudo sobre a aula a ser dada, ou que não precisa se preparar porque *na hora sai*⁴.

10. **Preconceito.** Condição de antifraternismo e antiuniversalismo perante os demais. Os preconceitos desqualificam, restringem, dificultam, atravancam ou inviabilizam as interações conscienciais.

Insulado. O docente que mantém barreiras de interação com os demais pode ser denominado *educador insulado*: a conscin, homem ou mulher, professor ou professora, com dificuldade de interagir física, energética, emocional e/ou intelectualmente com os demais participantes (intra e extrafísicos) da atividade parapedagógica.

Atitudes. O professor insulado tem a tendência de ficar excessivamente focado na transmissão de conteúdos (conteudismo), pois esta estratégia em geral ocasiona a redução da interação com os discentes.

Autoassédio. Não raro, diante das perguntas ou de outras intervenções dos discentes – mesmo quando envolvem demandas assistenciais genuínas destes, o docente insulado pode se assediar quando é interrompido, pela preocupação em ter que repassar todo o conteúdo pré-selecionado.

Contextual. O insulamento docente pode ser contextual ou perene na manifestação do professor, e estar relacionado a motivos intraconscienciais (trafres, doenças orgânicas, estresse, entre outros) ou externos (uma demanda ou contexto assistencial específicos, que esbarram em alguma dificuldade pessoal do docente, por exemplo).

Autopesquisa. Cabe enfatizar a importância de todo professor de Conscienciologia fazer autoconscienciometria e autoconsciencioterapia, visando analisar a existência ou não de barreiras interacionais e, caso existam, promover o diagnóstico das causas e o enfrentamento das próprias dificuldades, visando o autodestravamento das interações com os assistidos em sala de aula.

4. INTERAÇÃO DOCENTE REEDUCACIOLÓGICA

Proveito cosmoético. A interação docente reeducaciológica é o processo no qual o(a) docente tira proveito cosmoético dos contatos multidimensionais relacionados à realização de uma determinada atividade parapedagógica, de modo a promover a reeducação consciencial de todos, inclusive dele(a) próprio(a).

Enumerologia. Para que este tipo de interação ocorra é preciso que haja estreita comunicação (ou correlação) entre os 7 elementos seguintes, listados a seguir em ordem alfabética:

1. **Autodisponibilidade:** do(a) docente para assistir, para *reaprender*.
2. **Competências docentes:** o conhecimento e a utilização *lúcida* das autocompetências (conhecimentos, habilidades e atitudes pessoais) úteis ao exercício da docência, com o objetivo de promover a autorreeducação e a reeducação dos demais participantes da atividade parapedagógica.
3. **Holoconteúdos:** seleção apropriada dos conteúdos essenciais para a realização da interassistência específica de cada atividade.

⁴ Conhecida como *técnica “NHS” (Na Hora Sai)*, é a atitude do(a) professor(a) que negligencia o preparo antecipado e conveniente da futura atividade parapedagógica, devido à condição de, por exemplo, confiar demasiadamente nos próprios trafores ou competências, diversas vezes lançando mão do imprevisto durante sua realização.

4. **Intenção cosmoética:** de que, de fato, *ocorra o melhor para todos os envolvidos*. Uma pergunta essencial ajuda na checagem da intencionalidade do docente: *por que, para quê e para quem dou aulas de Conscienciologia*⁵?

5. **Interação:** com o campo energético parapedagógico, com os amparadores de função e demais interassistentes da atividade parapedagógica, e com os assistidos.

6. **Sinergismo:** docente–amparo extrafísico de função, propiciador do fazer parapedagógico antes e durante a atividade.

7. **Transposição didática:** escolha pontual de determinada metodologia e de recursos didático-pedagógicos específicos para o atendimento das demandas personalíssimas dos assistidos.

Traforologia. Ao abordar as *autocompetências docentes* (item 2 da enumeração anterior), é preciso falar também sobre os trafores pessoais úteis ao exercício da docência, os quais podem ser utilizados na potencialização das interações e da eficácia interassistencial em uma atividade parapedagógica.

Hipótese. Este autor trabalha com a hipótese de que *todo e qualquer trafor pode ser utilizado em atividades parapedagógicas para promover a interassistência*. Porém, no que tange às interações, algumas características humanas positivas aparentam ser mais úteis.

Listagem. Eis, a seguir, listagem com 50 atributos e trafores potencializadores das interações, desenvolvida por este autor a partir de levantamento preliminar em dicionários e obras conscienciológicas:

01. Abnegação.
02. Abertismo consciencial.
03. Acolhimento.
04. Afetuosidade.
05. Aglutinação.
06. Altruísmo.
07. Amparalidade.
08. Assertividade.
09. Autenticidade.
10. Autoconscientização multidimensional.
11. Autodesassedialidade.
12. Autodiscernimento.
13. Autodisponibilidade interassistencial.
14. Auto-organização.
15. Autoparaperceptibilidade mentalsomática.
16. Benignidade.
17. Bom humor.
18. Coerência.
19. Comunicabilidade.
20. Cooperatividade.
21. Conscienciofilia.
22. Cordialidade.
23. Cortesia.

⁵ *Técnica da checagem da intencionalidade*, proposta pelo consciencioterapeuta Nário Takimoto (2006).

24. Criatividade.
25. Delicadeza.
26. Educação.
27. Empatia.
28. Escuta ativa.
29. Exemplarismo.
30. Fraternidade.
31. Generosidade
32. Gentileza
33. Gratidão.
34. Honestidade.
35. Hospitalidade.
36. Impertubabilidade.
37. Lucidez.
38. Neofilia.
39. Otimismo.
40. Paciência.
41. Pacificidade.
42. Paradiplomacia
43. Pontualidade.
44. Sensatez.
45. Serenidade.
46. Simplicidade.
47. Sinceridade.
48. Teática do *binômio autoimperdoador-heteroperdoador*.
49. Temperança.
50. Universalismo.

Variável. E por que, para este autor, a interação é a variável muito importante – e até decisiva – para a interassistência em uma atividade parapedagógica?

Resposta. Porque, na experiência deste autor, a interação (física, energética, emocional e/ou intelectual) com os participantes da atividade (incluindo amparadores extrafísicos) é um elemento essencial para que o docente consiga de fato captar as demandas assistenciais e, a partir disso, escolher e implementar as ações capazes de promover a interassistencialidade.

Parcelas. Ao promover as interações com todos os participantes – incluindo os(as) demais docentes – o(a) professor(a) tem melhor condição de definir quais parcelas dos holoconteúdos serão mais apropriadas para os esclarecimentos necessários.

Desafio. Porém, a mudança de enfoque do repasse de informações (conteudismo) para a seleção dos conteúdos a partir das interações se constitui em processo desafiador para o(a) docente de Conscienciologia, ao menos pelos 4 motivos seguintes:

1. **Condicionamentos.** Há séculos a educação tem sido baseada na *Pedagogia Tradicional*. É bastante provável que o(a) atual docente de Conscienciologia tenha atuado como professor em outras vidas com base nesse paradigma educacional, e a partir dessa concepção de ensino e aprendizagem também foi educado(a). Este processo tende a gerar diversos condicionamentos no docente, os quais exigirão esforço para serem quebrados.

2. **Controle.** Ao dar mais “voz e vez” aos participantes, o(a) docente pode ter maior dificuldade de manter o controle e a qualidade dos processos interconscenciais e multidimensionais da atividade.

3. **Domínio dos conteúdos.** A abertura às interações exige maior domínio dos conteúdos por parte do(a) docente, uma vez que há grande possibilidade de surgirem dúvidas e comentários acerca dos mais variados assuntos por parte dos discentes.

4. **Ferramentas.** O(A) docente precisa conhecer e saber utilizar diversas ferramentas didático-pedagógicas (técnicas e recursos), escolhendo-as de acordo com as necessidades de reaprendizagem dos participantes.

Improviso. Priorizar as interações não quer dizer, porém, passar a atuar sempre no improviso, sem planejamento prévio da atividade parapedagógica.

Planejamento. Elaborar o plano de ensino e aprendizagem continua sendo importante e necessário para a melhor realização da atividade: *antecipadamente* elencar os objetivos de aprendizagem, selecionar os conteúdos, a metodologia e os recursos didático-pedagógicos, e pensar em formas de avaliar os resultados se constituem em aspecto basilar do sucesso de qualquer *empreitada* parapedagógica.

Mudança. A principal mudança entre essa nova abordagem – baseada nas interações – e a concepção utilizada pela docência conscienciológica tradicional é essencialmente uma: o foco está na *reaprendizagem* (interassistência) e não no ensino.

**NAS ATIVIDADES REEDUCACIOLÓGICAS, O MEGA-
FOCO É A REAPRENDIZAGEM, E NÃO O ENSINO.
ESTA É A PRINCIPAL DIFERENÇA EM RELAÇÃO
À DOCÊNCIA TRADICIONAL EM CONSCIENCIOLOGIA.**

Práticas. No subtópico seguinte serão apresentadas algumas práticas docentes facilitadoras e/ou promotoras da interação docentes-discentes,

Práticas facilitadoras / promotoras da interação docente reeducaciológica

Práticas. Eis, a seguir, 7 práticas facilitadoras e/ou promotoras da interação docente reeducaciológica, listadas em ordem alfabética do tema central:

1. **Bom humor.** Manter postura *bem-humorada lúcida*, cosmoética, em especial nos momentos de maior dramatização, fechadismo e/ou recalcitrância dos discentes, causados pelos temas abordados ou pelas intervenções do(a) docente.

2. **Empatia.** Fazer o exercício de se colocar *de fato* no lugar dos discentes, visando compreender a forma de pensar e qual a real necessidade destes. Ação promotora da empatia é o docente, ao invés de interpretar falas confusas dos participantes, questioná-los visando compreender melhor o que pensam, e por que pensam de determinada forma.

3. **Espaços.** Ao planejar a futura atividade parapedagógica, deixar espaços visando possibilitar a participação dos demais. Esses espaços podem ser criados, por exemplo, através da definição de perguntas a serem feitas aos participantes.

4. **Exteriorização de energias.** Chegar com antecedência de pelo menos 30 minutos ao local da atividade, preferencialmente antes do horário previsto de chegada dos discentes e, após fazer a evocação da equipex, proceder a exteriorização de energias para todo o ambiente, com o pensamento de que *ocorra o melhor para todos os participantes* da atividade.

5. **Nome.** Conhecer e chamar os participantes pelo *nome*.

6. **Participação.** Convidar o discente para expor alguma dúvida ou ponto de vista quando for percebido pelo(a) docente que aquele está desconectado do *aqui-agora* multidimensional da atividade.

7. **Preparo.** Preparar-se com antecedência e zelo para futura atividade: a *organização* e o *planejamento pré-aula* tendem a proporcionar maior tranquilidade ao docente durante a condução da aula.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Interassistencialidade. Diversas são as posturas, atitudes, ações e outras variáveis necessárias ao desenvolvimento da interassistencialidade em uma atividade parapedagógica.

Contato. A interação, do ponto de vista deste autor, figura entre as variáveis mais importantes, em virtude de propiciar o contato com as necessidades dos participantes da atividade epicentrada pelo docente, sejam eles outros professores, discentes e paradiscentes.

Eficácia. A eficácia interassistencial de um(a) docente de Conscienciologia, e da atividade da qual é epicentro depende, portanto, da capacidade daquele de conseguir efetivamente interagir com os discentes e paradiscentes.

Competências. Aos professores e professoras de Conscienciologia cabem autodiagnosticar-se, visando avaliar o quanto possuem das competências técnicas e comportamentais necessárias ao desenvolvimento e à qualificação das interações conscienciais em sala de aula, e investir no autoaprimoramento docente, constante, visando alcançar patamares crescentes de interassistencialidade.

REFERÊNCIAS

1. **Alves**, Hegrison; Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica; In: **Revista de Parapedagogia**; V. 3; N. 3; Associação Internacional de Parapedagogia e Reeducação Conscencial (*Reaprendentia*); Foz do Iguaçu, PR, 2013; páginas 11 a 19.
2. **Houaiss**, Antônio; & **Villar**, Mauro de Salles; **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**; LXXXIII + 2.925 p.; 1.384 abrevs.; 1 foto; 6 ilus.; 1 microbiografia; 19 tabs.; glos. 228.500 termos; 1.582 refs. (datações etimológicas); 804 refs.; 30,5 x 23 x 7,5 cm; enc.; Objetiva; Rio de Janeiro, RJ; 2001.
3. **Takimoto**, Nário; **Princípios teáticos da Consciencioterapia**; Anais da IV Jornada de Saúde da Consciência; Journal of Conscientiology; V. 33 Supplement; 31 enus.; 3 tabs.; *International Academy of Consciousness*; Foz do Iguaçu, PR; 2006; páginas 11 a 28.

Álvarez Dantas, 39 anos, psicólogo, especialista em gestão de pessoas e em Psicologia Positiva. Reeducador semperaprendente, tenepessista, verbetógrafo, voluntário da Conscienciologia desde 2002, docente desde 2003; voluntário da Reaprendentia desde 2011, atualmente atuando no ProDocência – Programa para Formação e Qualificação de Professores de Conscienciologia.